felizmente há luar!

Luís de Sttau Monteiro

AREAL
DITORES

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

felizmente há luar!

Teatro
Peça em 2 actos

PERSONAGENS

Manuel – O mais consciente dos populares
Rita – A mulher do Manuel
Antigo soldado – Um antigo soldado do regimento de Gomes Freire
Vicente – Um provocador em vias de promoção
Dois polícias – Iguais a todos os polícias
Vários populares – O pano de fundo permanente

D. Miguel Forjaz
Beresford
Principal Sousa
– Três conscienciosos governadores do Reino

Morais Sarmento
Andrade Corvo
– Dois denunciantes que honraram a classe

Frei Diogo de Melo – Um homem sério que destoaria nesta peça se nela não figurassem, também,
António de Sousa Falcão – O inseparável amigo e
Matilde de Melo – A companheira de todas as horas de
O General Gomes Freire D'Andrade – que está sempre presente embora nunca apareça.

ACTO 1

Ao abrir o pano, a cena está às escuras, encontrando-se uma única personagem intensamente iluminada, ao centro e à frente do palco. Esta personagem está andrajosamente vestida.

MANUEL

Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?

(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco, detém-se, e continua)

A pergunta é acompanhada dum gesto que revela a impotência da personagem perante o problema em causa. Este gesto é francamente "representado". O público tem de entender, logo de entrada, que tudo o que se vai passar no palco tem um significado preciso. Mais: que os gestos, as palavras e o cenário são apenas elementos duma linguagem a que tem de adaptar-se.

Vê-se a gente livre dos Franceses, e zás!, cai na mão dos Ingleses!

E agora? Se acabamos com os Ingleses, ficamos na mão dos reis do Rossio...

Entre os três o diabo que escolha...

(Pausa)

Deus todo-poderoso para a frente... Deus todo poderoso para trás... Sua Majestade para a esquerda... Sua Majestade para a direita...

(Pausa)

E enquanto eles andam para trás e para a frente, para a esquerda e para a direita, nós não passamos do mesmo sítio!

Ilumina-se, subitamente, o fundo do palco. De pé e sentadas, várias figuras populares conversam. Algumas dormem estendidas no chão. Uma velha, sentada num caixote, cata piolhos a uma rapariga nova.

(Avança e detém-se junto duma mulher ainda nova, que dorme, no chão, coberta por uma saca)

A Rita dorme. A que horas chegou ela?

Ao dizer isto, a personagem está quase de costas para os espectadores. Esta posição é deliberada. Pretende-se criar desde já, no público, a consciência de que ninguém, no decorrer desta peça, vai esboçar um gesto para o cativar ou para acamaradar com ele. (O réu não se senta ao lado dos juízes.)

Muda de tom à voz. Está a imitar, com sarcasmo, alguém que se não sabe quem seja. Entende-se, todavia, que a personagem se refere ao ambiente político da época.

Volta ao seu tom de voz habitual.

A pergunta não é dirigida a ninguém.

O gesto é lento, deliberadamente sarcástico.

1.º POPULAR

(Levantando-se dum salto e macaqueando as maneiras dum fidalgo, finge tirar um relógio do bolso dum colete inexistente)

Saiba, meu senhor, que a Senhora D. Rita chegou tarde.

Eram quase cinco horas pelo meu relógio de ouro.

(Finge levantar o relógio para o ver melhor.

Desfaz o gesto com violência e continua em tom raivoso)

Alguém aqui tem relógio?

(Como ninguém responde, volta a dirigir-se a Manuel)

O tom é irónico.

Esqueceram-se dos relógios em casa...

MANUEL

Está bem. Está bem.

O primeiro popular volta a sentar-se.

(Dá um safanão na rapariga, que se levanta com lentidão)

Começa a ouvir-se, ao longe, o ruído de tambores.

São horas de nos irmos indo, mulher.

RITA

Algumas personagens mostram certa agitação.

Já?

MANUEL

Lembra-te do que temos de andar.

(Ouve o som dos tambores)

Que é isto?

(Todos se levantam e escutam a medo. Alguns pegam nos seus objectos pessoais – cestos, mantas esfarrapadas, uma abóbora, etc. – e preparam-se para fugir. Outros, parados, esperam que o som dos tambores indique a direcção da marcha das tropas.

O ruído afasta-se. Ficam todos calados, indecisos.)

1.º POPULAR

Não vêm para cá.

O ANTIGO SOLDADO

Estas cantigas são inventadas
No regimento de Freire d'Andrade
São cantadas com o estilo
De lá ré ó liberdade.

1.º POPULAR

Onde aprendeu vossemecê isso?

O ANTIGO SOLDADO

Em tom de quem evoca o passado com saudade.

Em Campo d'Ourique – já lá vão mais de dez anos –, quando eu era soldado no regi-

mento de Gomes Freire...

Aqui onde me vêem já andei nas guerras...

RITA

Com o general?

O ANTIGO SOLDADO

O grupo começa a prestar atenção ao diálogo.

Com o general, pois!

2.º POPULAR

Conte lá, homem...

3.º POPULAR

Em que guerra é que vossemecê andou?

UMA VELHA

E foi na guerra que aprendeu a cantar?

(O antigo soldado ri-se)

Então onde foi, homem?

(Juntam-se todos à volta do antigo soldado, que se destaca do grupo e avança para o proscénio seguido de todos.)

O ANTIGO SOLDADO

(Olha para o alto, tentando recordar-se)

Ora deixem ver...

Uma noite, em Julho, os rapazes lá do quartel organizaram uma festa em honra da Senhora da Piedade. Vocês haviam de ter visto aquilo... A rapaziada fardada, no meio do povo...

E raparigas? Aquilo é que era...

(Dá um beliscão na cara de Rita)

Onde aparecia o regimento de Gomes Freire não faltavam raparigas!

UMA VOZ

E ele?

O ANTIGO SOLDADO

Ele?

OUTRA VOZ

O general, homem...

O ANTIGO SOLDADO

Um amigo do povo!

Um homem às direitas! Quem fez aquele não fez outro igual...

Fala com entusiasmo. Vê-se que Gomes Freire é o seu herói.

MANUEL

Se ele quisesse...

(Silêncio)

Este silêncio é pesado. As personagens olham para as mãos e para os lados. Foram longe de mais e sabem-no. Ainda têm nos ouvidos o ruído dos tambores, símbolo de uma autoridade sempre presente e sempre pronta a interferir.

VICENTE

Se ele quisesse? Mas se ele quisesse o quê? Vocês ainda não estão fartos de generais?

Cornetas, tambores, tiros e mais tiros... Bestas!

(Sobe a um caixote)

Tu, José:

(Aponta para um dos presentes)

Fala muito depressa. Está cada vez mais excitado.

Tens sete filhos com fome e com frio e vais para casa com as mãos a abanar. Julgas que o Gomes Freire os vai vestir?

(Aponta para o outro)

E tu, que não comes desde ontem – estás com pressa de ir para a guerra? Julgas que matas a fome com as balas? Idiotas! Nenhum de vocês tem um tecto que o abrigue no Inverno, nenhum de vocês tem onde cair morto, mas, mal passa um tambor, não há um só que não queira ir atrás dos soldados. Catrapum! Catrapum! Catrapum, pum, pum! – Idiotas!

Faz com as mãos o gesto de quem toca tambor.

Olha lá:

(Aponta para o antigo soldado)

Se o teu Gomes Freire é tão bom como

dizes e se a "rapaziada" lá do regimento é como tu a descreves, explica lá o que estás a fazer aqui...

(O antigo soldado encolhe os ombros)

Não abres a boca? Pois então falo eu!

(Para o grupo)

Este homem está aqui porque já não serve para nada. Ouviram?

Está aqui porque já não interessa aos generais. O que eles querem é servir-se da gente! Quando um homem chega a velho e já não pode andar por montes e vales, de espingarda às costas, para eles se encherem de medalhas, tratam-no como um pobre fugido à polícia: abandonam-no, mandam-no para a porta das igrejas pedir esmola, e que a Virgem se compadeça dele...

(Para o antigo soldado)

Que te dizem eles, os teus generais, os tais com quem te bateste, quando te encontram na rua, miserável, sem um naco de pão para comer? Sabes o que te dizem? Sabes? Viram-se para as mulheres, e justificam os cinco réis da esmola, dizendo que te bateste como um valente na campanha do Rossilhão. E tu? Matas a fome com os cinco réis e com a recordação da campanha. Mas eles... eles vão para casa encher a pança! Disso podes estar certo...

Pronuncia a palavra "rapaziada" com sarcasmo.

Fala alto, em tom de triunfo.

À medida que fala vai-se excitando cada vez mais.

O ANTIGO SOLDADO

O Gomes Freire não é desses.

Fala com escárnio.

VICENTE

Não é desses... Não é desses... Então de quais é ele? Duns que não existem?
É um santo, o teu general...

O ANTIGO SOLDADO

Não é um santo, é um homem como todos nós, mas...

VICENTE

"Mas"? Não há "mas" nem meio "mas". O que há é homens e generais. Ou se é por uns, ou se é por outros.
O teu general, então, é perfeito: nem sequer é português...

(Muito excitado)

Estrangeirado: estrangeirado é que ele é!

MANUEL

(Falando ao grupo)

Estrangeirado ou não, é capaz de se bater com os senhores do Rossio...

VICENTE

Mas não se bate! Vais ver que não se bate! E sabes porquê?

(Volta a falar para o grupo)